

A BIBLIOTECA

FAZ DIFERENÇA

*Reunindo evidências sobre a influência da biblioteca na aprendizagem dos alunos*¹

Bernadete Santos Campello²

Em 1998, a professora Elizabeth Martucci, em trabalho apresentado no *I Seminário Biblioteca Escolar Espaço de Ação Pedagógica*, previa que, face às novas demandas da educação, que estavam sendo discutidas em encontros mundiais como a Conferência Mundial de Educação para Todos, que ocorreu na Tailândia em 1990, haveria uma redescoberta da biblioteca escolar. Naquele trabalho ela dizia: "Volta-se a falar em biblioteca escolar de uma maneira renovada frente às novas demandas da educação e estas considerações mundiais já estão representadas no país pelas políticas públicas na área de educação". Este olhar otimista de Elizabeth Martucci parecia um pouco prematuro, pois passados mais de 10 anos pouco mudou no universo das bibliotecas escolares do país, especialmente no que diz respeito às bibliotecas de escolas públicas.

Entretanto, naquele ano, alguma coisa começava a se modificar, e a criação do grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE), na Escola de Ciência da Informação da UFMG, constituiu passo importante para trazer a temática da biblioteca escolar para a agenda de pesquisa acadêmica. As ações do GEBE abriram espaço não só para pesquisas, mas possibilitaram a formação de bibliotecários mais sensibilizados e comprometidos com a biblioteca escolar. Além disso, as atividades de extensão realizadas pelo Grupo ajudaram na promoção de debates no âmbito profissional, ocorrendo interlocução fre-

quente dos membros do GEBE com bibliotecários em várias cidades brasileiras.

Em 2008, uma nova tendência pode ser observada, quando o Conselho Federal Biblioteconomia (CFB), sob a liderança de Nêmora Rodrigues, lança o Projeto Mobilizador Biblioteca Escolar: Construção de uma Rede de Informação para o Ensino Público, que é logo seguido pelo Manifesto em Defesa da Biblioteca Escolar, publicado pelo CFB com o apoio de todos os Conselhos Regionais de Biblioteconomia do país. Essas iniciativas constituem outro passo importante, pois representam o engajamento político da classe e seu esforço para abrir canais de comunicação com os órgãos governamentais responsáveis pelas políticas públicas de educação e cultura, de forma a colocar a biblioteca escolar como instrumento indispensável para promover a leitura crítica e a aprendizagem significativa. Assim, as palavras pronunciadas por Elizabeth Martucci em 1998 tornam-se hoje bastante atuais. Naquela época ela dizia que "Estamos começando a vivenciar uma nova etapa, altamente promissora e temos um compromisso social muito sério na formação de novos profissionais, na produção de novos conhecimentos e no redimensionamento da biblioteca escolar na realidade da escola pública".

A pergunta que aqui colocamos é a seguinte: de que maneira a classe bibliotecária, especificamente o segmento que atua nas bibliotecas

¹Este texto é uma síntese da palestra apresentada durante o *III Fórum de Leitura para Integração da Biblioteca com a Sala de Aula*, no dia 28 de maio de 2009, na Escola de Ciência da Informação da UFMG.

²Professora do Departamento de Organização e Tratamento da Informação, da Escola de Ciência da Informação da UFMG

escolares que vivencia o dia a dia dessas instituições poderá colaborar para municiar os colegas, que se encontram na ponta da ação política, com evidências que sustentem argumentos convincentes que os ajude a mostrar, para as autoridades e para a sociedade, a importância da biblioteca na escola? Isso é necessário, pois o momento exige mais do que o discurso sedutor que constantemente se refere à biblioteca como “o coração da escola” ou “a mola propulsora do ensino”. Exige evidências consistentes de que a biblioteca tem influência positiva na aprendizagem de crianças e jovens de que a biblioteca faz diferença na escola.

Essas evidências precisam ser concretizadas em registros da ação educativa dos bibliotecários que atuam em escolas. Esses bibliotecários necessitam relatar sistematicamente as experiências que realizam com os alunos, revelando a riqueza de suas práticas pedagógicas. Precisam, inicialmente, avaliar de maneira concreta e objetiva os impactos dessa prática na aprendizagem, mostrando quais habilidades os estudantes aprendem na e com a biblioteca.

É bom esclarecer que esse tipo de avaliação ainda não constitui ação freqüente dos bibliotecários. Pesquisa recente mostrou que a maioria deles fazia apenas a avaliação das atividades e dos projetos que realizava na biblioteca. Embora isso seja necessário, pois identifica falhas nas atividades e permite buscar formas de saná-las, constitui o que Lancaster chama de avaliação pela reação dos participantes e apresenta alto grau de subjetividade. A referida pesquisa revelou que, apesar dessa subjetividade, e embora não utilizando instrumentos formais de avaliação os bibliotecários demonstravam grande perspicácia para avaliar e percebiam as reações das diversas categorias de usuários.

Quando o projeto era reconhecido como positivo pelos dirigentes, as reações vinham na forma de apoio financeiro, o que garantia a manutenção e ampliação das atividades, representando o apreço da direção pela biblioteca, além de sinalizar o acerto das ações.

A reação dos professores – os quais solicitavam outras atividades, elogiavam o trabalho realizado na biblioteca e demonstravam entender a importância dos projetos – também era notada pelos bibliotecários. Havia, em consequência do êxito dos projetos, maior presença, interesse e apoio dos professores. Os bibliotecários notavam também mudanças que diziam respeito à própria

didática dos professores que, após participarem de projetos da biblioteca, passaram, por exemplo, a usar livros variados em suas atividades de leitura com os alunos ou a orientar melhor os trabalhos de pesquisa escolar.

Alguns bibliotecários observavam a reação dos pais, que passavam a perceber a importância da biblioteca na educação dos filhos, apreciavam os conhecimentos que a biblioteca propiciava e até se tornavam usuários.

Com relação à reação dos estudantes, os bibliotecários notavam que eles passaram a gostar do espaço da biblioteca, frequentavam na hora do recreio ou quando tinham tempo livre, não só para conversar, mas para usar os materiais ali existentes. A ampliação do número de usuários, maior autonomia dos alunos no uso da biblioteca, melhor qualidade dos trabalhos escolares, desenvolvimento do hábito de estudar, de se concentrar, de escolher materiais de acordo com seus interesses e dificuldades, de respeitar as regras da biblioteca, foram resultados obtidos em decorrência dos projetos da biblioteca.

Percebe-se, portanto, que o bibliotecário percebe os bons resultados de sua prática. Mas o fato de a avaliação não constituir em geral processo intencional e sistemático, e ocorrer em bases subjetivas, intuitivas o que é demonstrado pelo uso de expressões como “eu percebo”, “eu acho”, “eu sinto”, “eu noto” torna esses resultados frágeis e pouco convincentes.

O que se propõe agora é que os bibliotecários ampliem e fortaleçam suas estratégias de avaliação de forma que seus resultados funcionem, não só como instrumento para aperfeiçoar suas ações, mas como demonstração da capacidade da biblioteca para influenciar na aprendizagem dos estudantes. Isso precisa ser feito em colaboração com os professores, já que eles são parceiros no esforço de melhorar a qualidade da escola. Dessa maneira, o conjunto de evidências reunidas constituirá uma base sólida para a ação política em prol da biblioteca escolar.

A rede de bibliotecas escolares no Brasil, proposta pelo Sistema CFB/CRB, se tornará realidade a partir de uma construção coletiva que envolva o segmento acadêmico e o segmento dos profissionais que já atuam em bibliotecas escolares. No momento em que registrarem suas práticas, relatarem suas experiências, mostrando de maneira concreta os benefícios que elas trazem para a aprendizagem, os bibliotecários estarão colaborando para esse projeto coletivo.

Roteiro para elaboração de relato de experiência

1. Explicação dos motivos que levaram à implementação do projeto ou atividade.
2. Descrição sucinta do contexto onde o projeto/atividade ocorreu, apresentando as características da escola, da biblioteca, dos alunos envolvidos e outras informações necessárias para o entendimento da situação relatada.
3. Apresentação dos conceitos que embasaram teoricamente o projeto/atividade, citando autores e noções teóricas que deram sustentação à experiência relatada.
4. Descrição do projeto/atividade, incluindo os objetivos e o relato propriamente dito, em ordem lógica e com detalhes suficientes para que o leitor tenha uma boa compreensão da situação relatada.
5. Apresentação dos resultados obtidos e descrição da metodologia de avaliação utilizada.
6. Descrição das dificuldades encontradas na execução do projeto/atividade.
7. Listagem das referências consultadas.



Referências:

CAMPELLO, B. S. O Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar da UFMG e as idéias que fundamentaram sua criação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2007, Brasília. Anais ... Brasília: FEBAB/ABDF, 2007. CD-ROM.

CAMPELLO, Bernadete. *Letramento informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico*. 2009. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

LANCASTER, F. W. *Avaliação de serviços de bibliotecas*. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

MARTUCCI, Elisabeth Márcia. Rompendo o silêncio: a biblioteca escolar e a trajetória de um pesquisador. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. *Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica*. Belo Horizonte: EB/UFMG, ABMG, 1999. p. 31-38. (Anais do Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1998, Belo Horizonte).

SISTEMA CFB/CRBs. *Projeto mobilizador: biblioteca escolar construção de uma rede de informação para o ensino público*. Brasília, 2008. Disponível em: <<http://www.crb5.org.br/Projeto%20Mobilizador%20-%20Projeto%20das%20bibliotecas%20escolares.PDF>> Acesso em: 01 jun. 2009.

SISTEMA CFB/CRBs. *Manifesto em defesa da biblioteca escolar*. Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.crb8.org.br/portal_mis/arquivos/pdf/Manifesto%20em%20Defesa%20da%20Biblioteca%20Escolar.pdf> Acesso em: 01 jun. 2009.